

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

ANDREZA FIGUEIREDO ALVES

**FORMANDO PEQUENOS LEITORES:
PROVOCAR, MEDIAR E CONSTRUIR O GOSTO PELA LEITURA**

Rio de Janeiro

2012

ANDREZA FIGUEIREDO ALVES

**FORMANDO PEQUENOS LEITORES:
PROVOCAR, MEDIAR E CONSTRUIR O GOSTO PELA LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Esp. Valéria Gomes Lopes

Rio de Janeiro

2012

AI87f Alves, Andreza Figueiredo

Formando pequenos leitores: provocar, mediar e construir o gosto pela leitura /
Andreza Figueiredo Alves. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
34 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de
Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Esp. Valéria Lopes

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Leitura. 5.
Formação de leitores. 6. Sala de Leitura. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV.
Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

ANDREZA FIGUEIREDO ALVES

**FORMANDO PEQUENOS LEITORES:
PROVOCAR, MEDIAR E CONSTRUIR O GOSTO PELA LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Esp. Valéria Gomes Lopes
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

ANDREZA FIGUEIREDO ALVES

Dedico este trabalho a todas as crianças que passaram e que passarão por minha vida.
Especialmente para a Bárbara, pessoinha que me ensina a complexidade de como viver é simples.

Agradeço a Deus que me permitiu o dom de viver.

À minha família: Paulo Sérgio e Maria Madalena (meus pais) que são meu alicerce; Jéssika e Eric (meus irmãos) que me dão força em tudo; Bárbara (minha querida sobrinha) que é minha inspiração; Eduardo (meu companheiro) que está sempre pronto para me ajudar; Zenaide (minha querida avó), a luz que brilha no céu e ilumina meu caminhar!

A meus professores e companheiros de estudo do Pró-Saber que me ajudaram na conquista de tanto conhecimento e crescimento profissional e pessoal.

“Para se formar uma massa crítica, é necessário que o hábito da leitura se forme desde tenra infância; que os alfabetizadores transmitam o prazer de ter um livro em nossas mãos, manuseá-lo, sentir o cheiro do papel, extasiar-se com as cores das gravuras, deleitar-se com as letras que formam uma a uma o conteúdo, e nos remete ao imaginário.”

RESUMO

Neste trabalho o leitor encontrará uma viagem à minha infância, na qual conto as experiências que vivi com os livros e como era meu ambiente familiar. Falo sobre as influências que me fizeram chegar na área profissional na qual estou mergulhada, a educação. Trato, sobretudo, da importância da Literatura e do ato ler para a educação infantil. Ressalto a mediação como necessária tanto na família quanto aos educadores. Chamo a atenção para o espaço como fator importante para estabelecer a relação criança/leitura. O desafio é ensinar as crianças da educação infantil, respeitando e considerando aspectos importantes do seu desenvolvimento, o que exige uma formação dos profissionais que os leve a compreender, enxergar a importância dos livros e do ato de ler para as crianças.

Palavras-chave: Criança. Leitura. Literatura. Educação Infantil. Formação do professor. Mediação. Sala de Leitura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 MEU COMEÇO, MEU DESPERTAR, MEU CAMINHAR	13
2 DA PESQUISA À FUNDAMENTAÇÃO – PRÁTICA COM TEORIA	15
2.1 A Importância da Literatura na Educação Infantil	15
2.2 O Papel da Família e do Educador como Mediadores de Leitura	19
2.3 O Espaço e a Relação Criança/ Leitura	23
3 DA FUNDAMENTAÇÃO À PRÁTICA – MINHA EXPERIÊNCIA, MINHA PESQUISA	25
3.1 Sala de Leitura: Um lugar de Exploração e Encantamento	26
3.2 Maratona de Histórias: Mix de Diversão com Aprendizado	27
3.3 Sala de Aula: Uma Viagem Fantástica ao Alcance das Mãos	28
3.4 No malabarismo do dia-a-dia: o desafio de ensinar e contagiar os profissionais que me cercam	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Escolhi como tema para esta monografia a Literatura na Educação Infantil, a sua importância na construção da aprendizagem e a formação de pequenos leitores. Esse tema surgiu das minhas observações e comparações realizadas entre as duas instituições nas quais vivenciei experiências como educadora: uma creche que atendia crianças de 0 a 4 anos e uma escola de educação infantil que atende crianças de 3-4 anos a 5 anos, na qual atuo no momento.

Percebi uma enorme diferença na relação estabelecida entre a creche e a escola no que se refere à valorização da leitura e da literatura. Na creche, a literatura era pouquíssimo trabalhada; os livros eram objetos empoeirados e sua utilização limitava-se a raros momentos de manuseio, exposição e atividades sem objetivos lúdicos. Já na escola, encontrei uma sala de leitura que conta com uma professora regente. Ela montou e pôe em prática um projeto de leitura no qual o principal objetivo é formar leitores críticos e autônomos. Criou cantos de leitura em todas as salas de aula, uma rádio, empréstimos de livros, um acervo constituído por um número grande de livros de livre acesso das crianças e dos profissionais que atuam na escola.

No entanto, de nada adiantaria tantos livros com livre acesso a eles, se os educadores que ali trabalham não estivessem imersos nesse mundo imaginário, sabendo valorizar os livros e os momentos de leitura, proporcionando o prazer, a alegria, o medo, o mundo de possibilidades; usando e abusando da Literatura como fonte de aprendizagem e estímulo para o saber e o desenvolvimento da criança.

Porém, não são somente os educadores que devem mergulhar na literatura para oferecer os saberes às crianças e a si mesmos. Também é papel fundamental da família proporcionar esses momentos e, assim, todos poderão voar juntos, seja para rir, chorar, aprender, temer.

As crianças precisam também estar em um ambiente estimulador que seja equipado com bons e diversos materiais (livros, DVDs, CDs, revistas), com pessoas que leiam diante delas, que contem histórias, que se emocionem, que incorporem os personagens, que sintam as histórias.

Então, para escrever sobre esse tema que tanto me chamou a atenção, usei como base as observações, as notas imediatas e os registros reflexivos - instrumentos metodológicos que aprendi a utilizar durante a minha graduação no Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

Destacar a importância da leitura de livros literários para o desenvolvimento infantil, ressaltar a função de mediador do educador e da família na construção da aprendizagem e estruturar o espaço para ser acolhedor e proporcionar momentos de prazer e de aprender, são os objetivos que me balizaram na elaboração deste trabalho.

Nas próximas páginas, o leitor encontrará, no primeiro capítulo, uma viagem à minha infância, no qual conto minha experiência com os livros; a trajetória da minha formação profissional que transformou meu olhar e criou a concepção de criança que tenho hoje e o que me fez chegar ao tema da pesquisa.

No segundo capítulo, descrevo a metodologia e a fundamentação que utilizei para compor minha pesquisa. Trago a importância da Literatura e do ler para os alunos da educação infantil, a mediação, ressaltando o papel da família e do educador como mediadores e o espaço como fator importante para estabelecer a relação criança/leitura.

O terceiro capítulo trará registros da minha experiência vivida e minhas reflexões, contando atividades, ações e acontecimentos que ocorreram na sala de leitura, na maratona de histórias e na sala de aula. Coloco também o meu desafio em ensinar e contagiar os profissionais que trabalham comigo para a importância dos livros e do ato de ler.

1 MEU COMEÇO, MEU DESPERTAR, MEU CAMINHAR

Desde pequena, eu brincava, no meu fantasiar, de escola. Tinha como exemplo minha tia, que é professora. Viver cercada por tantos livros também influenciava o meu brincar. Eram livros didáticos dos meus tios e tias, livros de receita, livros de desenhos, livros bíblicos, livros de histórias, enciclopédias.

Por isso, sempre tive uma boa relação com os livros. Lembro-me da minha mãe lendo Chapeuzinho Vermelho para mim e meus irmãos. Porém, a lembrança mais marcante que tenho da infância foi meu processo de alfabetização, que aconteceu de forma natural e acolhedora, tendo como professora e facilitadora, a minha mãe.

Com o passar do tempo, minha mãe formou-se aos 37 anos no curso normal. Logo depois, foi a vez da minha irmã também formar-se. Quanto a mim, concluí o curso de patologia clínica aos 20 anos. Fiz estágio e logo percebi que essa não era a área que me agradava, que me proporcionava prazer. Como estava sem emprego e sem estudar, resolvi dar aulas, como explicadora, ao meu afilhado. Foi assim que tudo teve início.

A cada dia, foram aparecendo mais alunos e logo surgiu a oportunidade de fazer o concurso para auxiliar de creche. Passei em todo o processo seletivo e comecei a trabalhar na educação infantil. Como o concurso não exigia experiência e nem formação especializada, cheguei sem experiência nenhuma, sem ter noção do que estava fazendo, do que iria fazer, do que realizar, de como realizar. Durante o primeiro ano, busquei ajuda com minhas companheiras de trabalho, fazendo observações de suas aulas, tirando dúvidas e formulando perguntas, copiando o que eu classificava como correto.

Surgiu, então, a faculdade: o Instituto Superior de Educação Pró-Saber iniciou seu processo de vestibular. Vi uma oportunidade de ter minhas dúvidas e perguntas respondidas. A cada dia, eu me surpreendia comigo mesma. Primeiro, mergulhei em mim, busquei a criança que fui e a resgatei, colocando-a na roda para brincar, o que me fez construir a concepção de criança que tenho hoje. Depois, eu me reconheci e tomei posse de mim como uma educadora, sabendo o quanto é importante o meu papel como tal, o que mudou o meu olhar e o meu agir em sala com as crianças. Também aprendi muito sobre o desenvolvimento delas, construindo e acreditando numa concepção de

educação, como diz Madalena Freire (2010, p.71), em que o educador interage com o educando e assim coordena a troca na busca do conhecimento.

Logo depois dessa reconstrução de mim mesma, comecei a ter um olhar sensível para com as crianças, compreendendo que existem necessidades que têm de ser respeitadas, que cada um tem seu tempo, que cada um constrói sua aprendizagem utilizando suas vivências. Enquanto eu, como educadora, posso e devo contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças realizando intervenções, encaminhamentos e devoluções, oferecendo os ingredientes e os utensílios para prepararem o prato, sendo o gás que abastece a chama para que o fogo não se apague, destampando a panela para o cheiro do tempero subir e inebriar aguçando a fome, provocando dúvidas e desequilíbrios, mas sempre alimentando a fome de saber das crianças.

Juntando o meu olhar sensibilizado, minha concepção de criança e de educação e todo o conhecimento adquirido e construído no ISEPS, logo me chamou atenção o tratamento dado à importância do ato de ler, e o compromisso das duas instituições nas quais atuei e dos educadores que nelas trabalham com a formação dos pequenos leitores.

Logo que tomei posse de meu cargo de auxiliar de creche, comecei trabalhando em uma instituição em que a maioria dos livros era de banho e de pano. As leituras eram realizadas em raros momentos pré-estabelecidos nos planejamentos; os livros ficavam guardados em uma sala totalmente fora do alcance das crianças e, muitas vezes, dos profissionais também. Ou seja, a leitura ficava em segundo plano, não havia estímulo à leitura, não o interesse e o saber sobre os livros não eram provocados. Estes eram usados como mais um objeto, sem que seus ricos valores e potenciais fossem explorados.

Ao chegar à escola em que estou atualmente, fiquei encantada ao me deparar com a diversidade e com as possibilidades às quais os alunos são proporcionados. Livros nas prateleiras de todas as salas formando o “cantinho da leitura”; uma sala de leitura onde encontramos uma professora regente que tem encontro marcado com cada turma, realiza empréstimo de livros, conta histórias de maneiras diversas e ainda dispõe de uma rádio da escola que vai ao ar mensalmente. Além de fazer parte do projeto da escola para todas as turmas, há leitura ou contação de histórias diariamente.

2 DA PESQUISA À FUNDAMENTAÇÃO – PRÁTICA COM TEORIA

Para realizar esta pesquisa, busquei observar mais atentamente as atividades propostas, realizadas ou não, que são planejadas na escola onde atuo. Meu objetivo era reconhecer a importância que a leitura e a literatura têm na educação infantil e perceber suas consequências na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças.

Usei a observação e o registro como método, pois, como diz Madalena Freire (2010, p. 52 e 56), “a observação é o início do seu estudo”, e “o aprendizado do registro é o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador”.

Comecei observando e escrevendo as notas imediatas de tudo o que acontecia sobre a relação criança/livro/literatura. Depois, fui elaborando registros reflexivos sobre as experiências vivenciadas e ampliando as notas que havia escrito no ato. Meu olhar e meu foco foram-se ampliando e passei a observar também as intervenções, os encaminhamentos e as devoluções realizadas por outros educadores.

Concentrei o meu olhar, focando nas atividades realizadas na sala de leitura, quando eu acompanhava as crianças e também na sala de aula, quando eram propostas atividades como o manuseio, escolha de livros para leitura no grupo e encenação. Além disso, busquei observar todas as atividades que aconteceram na escola e que envolviam o tema abordado.

O comportamento de cada criança e de todo o grupo, as reações positivas e negativas, o desenvolvimento construído, as transformações percebidas nesse período, bem como a fundamentação adquirida ao longo desses três anos de curso superior me ajudaram a elaborar e a construir essa pesquisa.

2.1 A importância da literatura na educação infantil

A leitura é uma atividade com a qual podemos atingir diversos propósitos e que pode ser articulada a outras práticas. Serve como referência para a criança ser e existir no mundo, estabelecendo uma relação com o

espaço em que se constrói seu desenvolvimento, formando leitores e indivíduos autônomos. A leitura consegue conectar pessoas, lugares e afetos, gerando sentimentos de pertença e engajamento com o grupo e com as ações propostas. Além disso, ela estreita a nossa relação com nossos pensamentos, nossos corpos, nossos sentimentos em relação a nós mesmos, ao outro e ao mundo.

Ela deve favorecer o desenvolvimento da curiosidade, da imaginação e da capacidade de expressão, bem como o desenvolvimento da identidade cultural, pois faz com que as crianças ativem a construção de sua subjetividade, estando sempre em transformação, produzindo possibilidades e estratégias nos aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Aspectos que compõem o ser na sua completude e nas experiências vividas no mundo em que ele está, buscando sempre alcançar a autonomia, ao relacionar-se consigo mesmo e ao mesmo tempo com o coletivo.

A leitura engloba liberdade e criação. Estimula o pensar, gera questionamentos e cria olhares que modificam a visão, a partir dos quais são aflorados os outros ângulos que ainda não tinham sido descobertos. Logo, como diz Barros (2009, p. 62), citando Larrosa, “ler serve, sobretudo, para se fazer perguntas”.

No entanto, essas perguntas têm de ser formuladas pelo próprio leitor, que usa sua liberdade de ler, entender e pensar, para chegar a começar a criar e a elaborar seus questionamentos. A literatura não dá as respostas, ela induz o leitor a encontrá-las, pois força-o a pensar.

Nos Critérios de atendimento em Creches e Pré-escolas (CAMPOS, 2009), está escrito que devemos propiciar às nossas crianças o direito de ouvir e de contar histórias, possibilitar o livre acesso a livros diversos, mesmo quando ainda não sabem ler, e devemos estimular os pais a participarem ativamente de eventos e atividades na creche ou pré-escola. Isto porque as crianças são sujeitos sociais e têm o direito a experiências de cultura, à brincadeira, à literatura, ao cinema, a museus, à música, à pintura, à arte em geral. Ou seja, é pela discussão da infância como categoria social e histórica e das crianças como sujeitos sociais que se torna possível pensar a educação e fazer a educação de forma democrática.

Ler e escrever são direitos básicos assegurados às crianças e aos adolescentes e que estão registrados e estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Logo, a leitura não deve ser considerada um luxo ou um privilégio ligado ao lazer. Ler é um processo de criação repleto de significados, em que ocorre um enriquecimento pessoal que nos alimenta e nos faz desenvolver.

O trabalho com a leitura da literatura colabora significativamente para a construção do código escrito e da linguagem oral, estimula a escrita, o conhecimento e o reconhecimento das letras, sílabas e palavras, pois faz com que o leitor, ao ler, estabeleça uma relação de interação e vínculo com o que está lendo e com quem lê para ele, que propicia o desenvolvimento, levando-o ao processo de construção da aprendizagem e do conhecimento da língua verbal e escrita, como expressão significativa e consciente.

Mas o ato de ler não deve focar apenas o ensino e o reconhecimento das palavras, das sílabas das letras. O ensinar tem que ser um ato político, de conhecimento, um ato criador que dará o movimento dinâmico entre a leitura da palavra e a leitura de mundo. Como afirma Paulo Freire (1982, p.11), devemos considerar indispensável “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

A leitura possibilita ampliação do vocabulário, leitura de indícios, figuras e imagens, aquisição de informações, exploração de conteúdos e de ideias, além de provocar a compreensão e alimentar a imaginação. Todavia, pode-se pensar em várias razões e possibilidades que conseguimos alcançar com a leitura, pois:

A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação. Posso ler deitada, sentada, em qualquer lugar, pelos mais variados motivos, mas faço sempre parte de um todo, sou um elo que ajuda a compor mundos e consruir a liberdade. Lendo me ligo a todos que vieram antes de mim e projetaram o tempo em que vivo, no que ele tem de resistência à dor, à violência e à injustiça. Isso porque se o dia-a-dia ensina a viver o que tenho pela frente, o livro literário desenha para mim outras realidades possíveis de acontecer e, portanto, verdadeiras. (AGUIAR, 2011, p. 1)

Ler é um alimento para a imaginação, pois proporciona prazer, preenche as necessidades da criança, além de oportunizar a saciedade de desejos “irrealizáveis”, mesmo que numa dimensão ilusória e imaginária.

Permite sonhar, e sair e/ou lidar com situações nas quais não há controle racional, gerando deslocamentos e transformações.

A leitura mexe com o emocional do leitor, despertando emoções. Ao ler, as crianças ficam mais sensíveis e perceptíveis, deixando os sentimentos transbordarem e, ao mesmo tempo, vão aprendendo a lidar com eles. Segundo Baldi (2009, p.9), a literatura, como qualquer outra forma de arte (a pintura, a escultura, a música, o cinema, o teatro, a fotografia, etc.), é capaz de nos tornar pessoas melhores, não só intelectual, mas emocionalmente, porque desperta o que de melhor existe em nós.

A Literatura é produção de sentidos, e o texto literário convida o leitor e o desafia a construir sua própria teia de sentidos, promovendo sensações que são carregadas de vivência pessoal que o levam, dos sentimentos vividos no momento da leitura, para além do tempo imediato, transformando a leitura em experiência, na qual quem lê e quem escreve aprende, cresce e é desafiado a todo momento.

Segundo Aurélio Buarque de Holanda (1986), leitor é o adjetivo de quem lê. Portanto, é um bem adquirido pelo sujeito. Esse bem não se restringe em apenas saber decodificar os signos linguísticos, mas traz a apropriação autônoma e crítica do significado. Essa apropriação transforma o sujeito através dos processos que a Literatura produz, utilizando-a como fonte de prazer e de alegria, como processo de catarse, como consciência de mundo e construção de conhecimento. Assim, o leitor ganha identidade, passando de adjetivo para ser substantivo concreto.

É inegável dizer e reconhecer a importância da leitura e da literatura para o desenvolvimento da capacidade das crianças, para a conquista da aprendizagem e a satisfação de algumas de suas necessidades. Contudo, ainda encontramos uma enorme contradição e incoerência no que diz respeito ao discurso e à prática exercida nas pré-escolas e creches em relação à leitura.

As propostas pedagógicas e os educadores reconhecem e concordam com o despertar do gosto e do desejo pela leitura, bem como os seus benefícios, mas, na prática, essa atividade é pouco explorada e pouco desenvolvida no cotidiano, ou são realizadas de forma que não atingem as verdadeiras intenções dos educadores, não conseguindo alcançar objetivos concretos.

2.2 Mediação: o papel da família e do educador como mediadores de leitura

As narrativas são um gênero textual que está em nossas vidas desde que nascemos. É através dos pais, dos avós, dos tios e tias, ou seja, da família, que ouvimos histórias tradicionais de nossas famílias, de como nascemos, de nossas origens. O que desperta, desde cedo, o interesse e a curiosidade de conhecer histórias.

Essas histórias que fazem parte de nossa realidade são fundamentais para que o sujeito construa sua identidade, compreendendo melhor suas relações familiares. Além de estabelecer um vínculo afetivo entre o narrador e o ouvinte, pois é uma relação estabelecida por compartilhamento de experiências.

Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. A curiosidade é provocada na medida em que apresentamos histórias as quais despertam descobertas do mundo e que aumentam o prazer do imaginar. Já o exemplo vem da imitação que a criança faz para se apropriar de sua identidade, se reconhecer como sujeito que faz parte desse mundo. Logo, se faz de extrema importância o papel do mediador para ajudar a estabelecer a relação criança/leitura.

Mediar é intervir, intermediar, interceder, estar entre dois pontos. Ser mediador da leitura é, portanto, estar na posição intermediária, produzindo relações entre livros e leitores. A mediação estabelece uma troca na qual ocorre uma reciprocidade, gerando aprendizagem mútua, descobertas de si, do outro e do mundo, tudo envolto por muito afeto e cheio de sensações.

Cabe, então, à família, inserir e apresentar o sujeito ao mundo mágico das histórias, e, à escola, prosseguir favorecendo novas descobertas e criar estratégias para manter a criança nesse mundo. Todavia, muitas vezes, o educador é responsável pela aproximação e pela permanência das crianças nesse universo da leitura.

O papel do educador é usar a literatura como uma chave que abrirá as portas para a oralidade, para as diversas linguagens e expressões, para o

fantasiar e o imaginar, para fortalecer e criar a memória, para o desenvolvimento da criatividade, para o ler e o escrever, para ajudar na compreensão dos sentimentos e no conhecimento do mundo, no qual o sujeito está inserido e do qual faz parte. Para isso, o educador deve conquistar a criança, construir vínculos, estabelecer momentos de leitura, tecer relações e nutrir a experiência leitora, fortalecendo as conexões que unem a criança com o livro.

Por isso deve-se proporcionar às crianças experiências com a leitura, por meio das quais elas sintam as cores, as pulsações dos ritmos, que elas pensem e sintam emoções, que dialoguem com os personagens, que fiquem inebriadas com o calor ou com o frio, que elas sintam raiva, que chorem por pena ou por dor, que sorriam de felicidade. É preciso possibilitar que, ao abrir um livro, seja aberta uma porta para a imaginação, em que a realidade vivida seja viva e intensa.

Deve-se promover o desencadeamento de ideias, de ações, ser facilitador nas experiências favorecendo a incorporação, a compreensão e a invenção e reinvenção das histórias, tendo um efeito multiplicador do imaginário infantil. O mediador de leitura tem de envolver as crianças com o seu transbordar de prazer, provocar o encantamento do ouvir, do ler, do falar, do contar, do fantasiar e do imaginar, abrindo caminhos, criando possibilidades, propagando uma leitura de qualidade, livre, crítica e que cause emoção, construindo mundos no mundo.

Ao realizar a mediação, o professor está conectando o aspecto profissional com o gosto e o aprendizado dele e das crianças. É por esse canal que o prazer pela leitura irá nascer e se desenvolver.

O professor deve ser também um leitor, pois não há como transmitir o gosto e o prazer por aquilo que não se faz. Ele deve acolher e ser uma fonte de afetividade, assim conquistando a confiança do aluno para contagiá-lo e transmitir-lhe o gosto pela leitura.

A leitura e a literatura têm o poder de unir e envolver significativamente o educador e o aluno. Devemos dar a oportunidade de todos lerem e terem acesso aos livros. Até mesmo os muito pequenos, que ainda não sabem ler convencionalmente, devem manusear e fazer suas escolhas. Aqueles que

leem fluentemente também devem continuar ouvindo e se encantando com as histórias contadas.

O prazer de ler não é imposto, ele é adquirido, construído, conquistado, não acontecendo de imediato, sendo um processo progressivo. Como diz Pennac (1993, p. 13), o verbo ler, assim como o amar, não suporta o imperativo. Logo, o transmitir e o contagiar não suportam palavras de ordem. O gosto pela leitura deve ser construído baseado no prazer de ler e não na obrigação. O leitor precisa de liberdade para ser tocado e sensibilizado pelo que está lendo e, assim, se desenvolver e realizar as elaborações do mundo.

Os educadores devem sempre estar em formação, atualizando-se, para poder ofertar constantemente novidades às crianças e a si mesmo, pois através das intervenções e trocas que ocorrem nesta relação (educador/livros/crianças), o professor também aprende muito. E, ao pesquisar, está se nutrindo e se alimentando para saciar a si e ao outro.

Para se atingirem os reais objetivos propostos pela leitura, é preciso um trabalho baseado na persistência, com o qual toda a equipe colabore e participe efetivamente. O corpo docente deve buscar a fundamentação através de estudos, planejamento, reflexão e troca.

A escola e os educadores devem encarar a leitura como um processo que proporciona o desenvolvimento da capacidade de pensar e da memória, pelo qual o leitor conquista a apropriação da linguagem escrita e da linguagem oral, ocorrendo também um aperfeiçoamento da compreensão leitora, da construção de sentidos e da fluência da expressividade. Também devem utilizá-la como fonte inesgotável de prazer e de informação, proporcionando a ampliação do repertório das crianças, usando diferentes gêneros textuais, ilustradores, autores e diversos recursos da linguagem.

O educador deve considerar as várias linguagens da criança, e, para isso, pode seguir alguns princípios, como variar e diversificar os textos, as leituras, as situações propostas, os desafios, as dinâmicas. É preciso concluir as atividades dando continuidade à sequência (iniciar, desenvolver e dar fechamento), buscando uma interrelação entre as atividades sem que haja um isolamento pedagógico. Também é importante voltar às práticas já realizadas, revendo o que foi feito e vivido, mas sempre diversificando e ampliando o repertório, com cuidado para que, ao visitar uma obra, o aprender seja mais

enriquecido. Outra necessidade é apresentar propostas recheadas de desafios que proporcionem níveis de complexidade progressivos, para que os avanços da criança sejam construídos sempre dando passos a diante.

É importante considerar os princípios definidos pela equipe e, assim, organizar as propostas pedagógicas e didáticas, tendo sempre, como objetivo principal, o mergulho das crianças no mundo literário, planejando interações dirigidas e intencionalmente provocadas entre as crianças e o livro/literatura, ou seja, o objeto de conhecimento.

Para que a proposta seja eficaz e consiga atingir os objetivos, o educador-mediador deve favorecer o uso do próprio livro, fazer a leitura na íntegra da história, explorar as diversas possibilidades lúdicas que o texto sugere, criar um clima agradável e prazeroso, valorizar as diversas formas de leitura de cada um e do grupo e realizar intervenções.

A formação do educador é fundamental, pois ele será uma ponte que ligará o aluno à Literatura. Cabe a ele elaborar projetos que contemplem a realidade do aluno, respeitando a especificidade da faixa etária, o interesse, o limite de cada um, apresentando novidades, promovendo acesso e exploração de diversificados materiais. Como afirma Coelho (2000, p.18), o educador precisa estar sintonizado com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou conhecimento de mundo em três direções: da literatura (como leitor atento), da realidade social (como cidadão consciente) e da docência (como profissional competente). Assim, estará armado com ferramentas que irão potencializar uma aprendizagem mais rica e prazerosa.

Então o ato de mediar deve formar uma relação na qual o educador não faz pela criança e sim faz junto com ela, absorvendo conhecimento, conquistando aprendizagem, construindo autonomia.

No ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), o direito de ler é assegurado, porém cabe aos educadores e à família efetivar esse direito, realizando ações concretas que guiem as crianças pelo caminho da leitura, proporcionando experiências que as enriqueçam culturalmente e as tornem sujeitos sociais e culturais.

A escolha do livro para apresentar às crianças também é um fator muito importante. Não adianta ter um acervo com um alto quantitativo de livros se os mesmos não oferecerem uma boa qualidade para a leitura, se não estiverem de acordo com a faixa etária e não saciarem nem provocarem as curiosidades dos leitores.

De acordo com Coelho (2000, p. 33 e 34), os livros adequados à faixa etária a partir dos 3 anos, categoria denominada de pré-leitor, devem propor vivências presentes do cotidiano familiar à criança e ainda apresentar características estilísticas como o predomínio absoluto de imagens (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), contendo textos breves que possam ser lidos e dramatizados pelo adulto com a finalidade de estabelecer a interrelação entre o mundo real e o mundo da palavra que nomeia esse real. As imagens devem ser simples e de fácil comunicação visual e sugerir um acontecimento ou uma situação, sendo atraente para o olhar infantil. É importante favorecer a graça, o humor, o clima de mistério e de expectativa; usar a técnica de repetição ou reiteração de elementos, tudo para manter a atenção e o interesse das crianças.

O acervo deve contar com clássicos e com livros que contemplem autores e ilustradores contemporâneos, devendo sempre ser atualizado, buscando e trazendo as novidades lançadas. Logo, a equipe de educadores deve freqüentar livrarias, salões e feiras de livros e todos os eventos que falem sobre esse assunto.

2.3 O espaço e a relação criança/leitura

A ação de mediar deve ser construída a partir de um planejamento que abranja todo o grupo, que envolva um espaço bem estruturado e apropriado onde as crianças possam se sentir acolhidas e com liberdade, que favoreça a escolha do acervo, considerando a faixa etária e os interesses do grupo e dos individuais.

Como diz Coelho (2000, p.16 e 17), a escola é hoje um espaço privilegiado, no qual deve ser construído o alicerce para a formação do indivíduo, estimulando o exercício da mente, a percepção do real e suas

múltiplas significações, a consciência do eu, a leitura de mundo, o conhecimento da língua oral e escrita. Esse espaço deve proporcionar liberdade, sem ser anárquico, e ser orientador, sem ser dogmático, permitindo a criança alcançar seu autoconhecimento e permitindo o acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade em que a criança está inserida.

A criança deve ser recebida num ambiente provocador, cercada de educadores que gostem de ler, que conheçam livros e pratiquem boas e prazerosas leituras.

Para favorecer o manuseio, os livros devem estar à disposição e ao alcance de todos. O local onde são colocados deve despertar a curiosidade e as percepções da criança. Isto para torná-la um sujeito sensível à leitura, pois o gosto por ler é contagiante.

Os livros não devem ser tratados apenas como objetos. Eles são pontes que levam direto ao imaginário, por meio do qual as emoções são sentidas, as reações causadas, o prazer despertado e o conhecimento propiciado.

Existem várias formas de ler, que são construídas e desenvolvidas no decorrer da prática pedagógica, através das experiências vivenciadas em sala de aula. Uma leitura vai muito além de pegar um livro e abri-lo. A experiência do ler envolve todo o ambiente físico e emocional que cerca o sujeito: os tapetes, a estante, a arrumação, a temperatura, o silêncio ou o barulho, o acervo disponível, a acessibilidade, o cansaço, a euforia, a felicidade, o descontentamento, a dor, o desconforto, os mediadores. Portanto, ler não é um simples ato, mas envolve todo o espaço, o clima, os sentimentos vividos e presenciados. Ler é ser invadido por toda essa amplitude de aspectos que nos cercam e nos atravessam.

Para atrair e conquistar a leitura, são elaboradas intervenções e iniciativas na escola ou na creche que contribuam para a construção e a manutenção da relação com os livros, fazendo chegá-los até as crianças e suas famílias de uma forma simples e prazerosa.

Como exemplos, posso citar algumas atividades que são realizadas na escola em que atuo: as diversas maneiras de leitura e/ou contação de histórias (com varas, fantoches, dedoches, avental, poesias cantadas), manuseio de livros, empréstimos de livros para as crianças e para os funcionários,

realização de uma maratona da leitura, dramatizações, cantinhos da leitura nas salas de aula.

3 DA FUNDAMENTAÇÃO À PRÁTICA – MINHA EXPERIÊNCIA, MINHA PESQUISA

Há cerca de um ano, minha experiência com a leitura tem sido muito enriquecedora, na escola em que trabalho atualmente, com crianças de 3 - 4 anos, do maternal II. Em nossa escola, contamos com uma sala de leitura que possui um grande acervo de livros infantis, juvenis e didáticos, além de contar com vários vídeos e CDs. Todas as turmas têm um dia e um horário reservado (50 minutos) para ir à sala de leitura. Lá a professora (regente da sala de leitura) desenvolve atividades contando histórias de diversas maneiras: poemas cantados, teatro de fantoche, contação de histórias, leitura de contos, poesias e histórias, avental de fantoches, fantoches em vara, exposição de vídeos. Também são realizadas atividades que complementam e estão relacionadas à leitura, como desenhos individuais ou coletivos e brincadeiras. Depois, os alunos usam os últimos 20 minutos para manusearem os livros que ficam expostos em estantes baixas ou em caixotes espalhados pela sala.

Uma vez ao mês, são realizados os empréstimos dos livros. As crianças vão à sala de leitura e escolhem os livros que irão levar para casa, emprestados por 15 dias. Os livros são levados em sacolinhas coloridas, e cada criança tem seu cadastro no qual são anotados todos os livros que são emprestados. Assim é acompanhado o que cada criança leu durante o ano.

Foi assim que percebi que, com essa atitude de empréstimos, além de estimularmos as crianças a lerem e terem contato com a literatura, também incentivamos os pais e responsáveis a participarem junto com as crianças. Todas as vezes que os acompanho à sala de leitura, fico observando o olhar deles. Percebo curiosidade, encanto, surpresa, preferências, descobertas.

3.1 Sala de leitura: um lugar de exploração e encantamento

Durante minhas observações realizadas na sala de leitura, percebi que, no começo do ano, as crianças não conseguiam se concentrar na hora da contação, não sabiam folhear os livros, pegavam dois ou três livros de uma vez, não observavam as figuras e/ou imagens. Tratavam o livro como um objeto sem valor, um utensílio do qual não sabiam fazer uso. Rasgavam, jogavam, arrastavam pelo chão, faziam de tudo com o livro, menos parar e conhecê-lo. Muitas vezes parecia, também, que os livros eram objetos proibidos, que ficavam fora do alcance, pois algumas crianças apresentaram resistência em manuseá-los e conhecê-los.

No decorrer do tempo, as crianças mudaram sua conduta e começaram a concentrar-se durante as contações e a participação na sala de leitura passou a ser efetiva.

O interesse por conhecer histórias cada vez mais aumentou. As crianças passaram a cuidar dos livros e criaram focos conhecendo um livro de cada vez, observando as ilustrações, lendo as imagens, usando a imaginação para elaborar hipóteses sobre as histórias nas quais estavam mergulhadas.

Ao se aprofundarem nos livros, surgiu a descoberta da diferenciação entre as letras e os desenhos. E quando começamos a trabalhar os nomes delas na chamada e as letras iniciais, as crianças buscavam encontrar nos livros as letras correspondentes às suas iniciais e ficavam muito animadas, quando conseguiam encontrar.

A leitura também despertou a curiosidade em conhecer as palavras novas que foram sendo apresentadas a cada livro, a cada poesia lida ou cantada, a cada história lida ou inventada. Lembro-me de uma aluna que ficou fascinada com a palavra “surgiram”. Ela perguntou o que era, buscando um significado, e ao manusear outros livros, logo tratou de empregar a palavra descoberta em todas as histórias.

Percebi também que as crianças ficaram mais criativas. Ao levar uma janela para realizar teatro e uma caixa com muitos fantoches, proporcionei um momento de festa na turma. Logo as crianças curiosas queriam saber para que servia aquela janela, o que ela fazia, se poderiam brincar. Então, apresentei alguns personagens fantoches usando a janela. Inventei uma história usando o jacaré, depois disponibilizei a janela e os fantoches para elas, convidando quem quisesse para contar uma história para nós. Apareceram vários

candidatos e poucas crianças ficaram tímidas e com receio de aproximar-se dos fantoches.

Uns usaram os fantoches de animais e cantaram as músicas conhecidas. Outros me imitaram e repetiram a história que contei. No entanto, a maioria criou uma pequena história, usando personagens (pai, mãe, irmãos) e fatos que acontecem no dia a dia deles. A maioria das meninas foram princesas que moravam no castelo e penteavam o cabelo, passeavam no parque. Os meninos queriam lutar com os bonecos que nomeavam com nomes de personagens (Ben 10, Hulk, Homem Aranha).

Figura 1: A Sala de Leitura



Fonte: Arquivo da Autora

Figura 2: Estante com Livros em Exposição



Fonte: Arquivo da Autora

3.2 Maratona de histórias: mix de diversão com aprendizado

Ainda realizamos a Maratona de Histórias, dia em que professoras, alunos e pais contam histórias para todas as outras turmas. Este ano, a abertura da maratona deu-se utilizando uma contação de história com movimentos. As crianças foram chegando na hora da entrada e iam sentando-se; cada turma foi formando sua roda. A professora da sala de leitura foi contando a história e, a partir das narrações, as crianças iam participando, interagindo, brincando de roda, cantando e dançando.

No segundo dia, entrou no ar a Rádio da escola, momento em que a professora contou uma história, convidou um aluno de cada sala para participar

respondendo perguntas e ainda promoveu uma brincadeira onde todos participavam, cada um em sua sala.

No último dia, a professora da sala de leitura iniciou fazendo a leitura do livro “O Menino Azul”, de Cecília Meireles. Teve a dramatização com a turma do Grupo I (5 anos) baseada no livro “A Flor”. A turma EI – 30, do maternal II, encenou com uma brincadeira de roda, “A Linda Rosa Juvenil”. A minha turma EI – 31, também do maternal II, dramatizou utilizando o livro “O Mundinho”, de Ingrid Biesemeyr Bellinghausen. Para finalizar, alguns funcionários (a professora de educação física, a diretora, a professora da sala de leitura, uma merendeira, uma auxiliar da EI – 30 e eu) dramatizaram a história do livro “O Grande Rabanete”, de Tatiana Belink.

O que mais me chamou a atenção foi ver como as crianças reagem espontaneamente e como as histórias mexem com as emoções delas. Percebi o quanto elas ficaram ansiosas para dramatizarem, como adoraram colocar as fantasias, como riram de cada história, como lembraram de cada detalhe e de cada pessoa que participou. Lembro-me dos rostinhos dos alunos me vendo vestida de vovó: uns riram, outros ficaram assustados, alguns começaram a me chamar, mas todos pediram para que eu imitasse a vovó de novo.

3.3 Sala de aula: uma viagem fantástica ao alcance das mãos

Nas salas de aula, temos estantes com livros disponíveis, e a professora da turma tem, em seu planejamento, a previsão de contar histórias diariamente. No início do ano, nossa estante tinha somente alguns livros de pano; o canto da leitura vivia vazio e não despertava o interesse das crianças. Porém, à medida que foram frequentando a sala de leitura, que conheceram histórias diferentes, que foram apresentados aos livros, que aprenderam a usá-los, os alunos pediram para que o acervo da estante fosse mudado. Queriam os livros iguais aos da sala de leitura.

Através desse pedido, vindo das crianças, decidimos solicitar doações às famílias. Primeiro, definimos que tipo de material queríamos para compor nossa estante. Foram escolhidos livros com todos os tipos de histórias e

revistas em quadrinhos. Depois, resolvemos trocar nossos livros com as outras turmas. Assim conheceríamos outros livros.

Aos poucos, as crianças perceberam que podíamos ler outros tipos de materiais, como: jornais, encartes, folhetos, bilhetes, tudo o que fazia parte de nosso cotidiano.

Figura 3: Canto da Leitura na Sala de Aula



Fonte: Acervo da Autora

3.4 No malabarismo do dia-a-dia: o desafio de ensinar e contagiar os profissionais que me cercam

Atuo como auxiliar de creche, em uma turma de maternal com crianças cuja faixa etária está compreendida entre 3 - 4 anos e que permanecem na escola em período integral (07h15min às 16h).

Em minha sala, trabalham mais uma auxiliar e uma professora de educação infantil. A professora, cuja carga horária de trabalho é de quatro horas e meia, exerce uma dupla regência, permanecendo na escola com a turma por nove horas diárias, o que a possibilita participar de toda a rotina da turma. Nós, auxiliares, cumprimos a carga horária de seis horas diárias, exceto

um dia por semana, em que cumprimos mais duas horas de planejamento (uma hora com a coordenadora pedagógica e uma hora com a professora regente da turma). Logo, nós, auxiliares, participamos apenas de uma parte da rotina da turma. O planejamento das atividades propostas é elaborado com toda a equipe da sala, todos participam e dão sugestões.

Ao conversar com a regente de turma, descobri que ela atua como professora de educação infantil há pouco mais de um ano, pois sua formação universitária é em psicologia. Ela não suporta ler! Livros, para ela, são somente os didáticos, mesmo assim, quando são necessários para algum estudo. A outra auxiliar acha que, para a criança, o mais importante é somente o brincar livremente, brincadeiras de roda, de pique, de correr.

Com certeza, considero também as brincadeiras fundamentais para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Ensinar e promover momentos em que apresentamos as brincadeiras tradicionais e dar espaço para as brincadeiras que vão surgindo culturalmente são de muita importância na educação infantil. Contudo, não posso deixar de lado a importância dos livros, da leitura, da literatura. Eu não podia negar às crianças a possibilidade do imaginar, de não estimular o pensamento, de favorecer as viagens fantásticas por mundos desconhecidos.

Foi um trabalho difícil introduzir a leitura e explicar toda a sua importância às profissionais que trabalham comigo. Para falar a verdade, eu não tenho certeza de que leituras sejam ofertadas, diariamente, às crianças. O momento da história, no planejamento, está no horário da tarde e eu trabalho na parte da manhã. Sempre que posso, procuro brechas para inserir a leitura no horário em que estou com as crianças, mas sei que não é o bastante.

Mesmo sabendo da importância da leitura, vejo que muitos profissionais não a valorizam, não a praticam. É fácil colocar no planejamento que histórias estão sendo lidas, mas a prática é diferente. Pode-se seguir cumprindo ou não o planejamento. Não percebo um interesse da professora em saber o que é trabalhado na sala de leitura e, assim, dar uma continuidade às propostas, fazendo uma relação entre a leitura e o que será trabalhado em sala.

Reconheço claramente o desenvolvimento e várias mudanças das crianças em relação aos livros, à leitura e à literatura. Já construíram uma

relação boa com os livros, formaram suas preferências, têm interesses em conhecer cada vez mais histórias, são capazes de fantasiar e dramatizar histórias com segurança.

No entanto, termino esta pesquisa com um sabor de quero mais. Sei que o trabalho poderia ser desenvolvido com mais empenho da minha equipe. Por isso se faz tão importante a formação dos profissionais que trabalham junto às crianças da educação infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças da educação infantil vivem a criar e a expressar seus sentimentos em todas as ocasiões, fazendo arte espontaneamente. Logo, encontram na Literatura alimento para sua essência e conteúdo para sua existência.

O contato com a Literatura deve iniciar dentro da família, o que reforça a importância da participação da mesma na construção do processo de leitura das crianças. Então, a ampliação deve ser realizada no espaço escolar, facilitando e promovendo o acesso aos textos literários e aos processos desencadeadores e transformadores produzidos pela leitura.

É dever da escola promover a democratização da leitura literária, favorecendo uma ação democrática de colocá-la ao alcance de todos, popularizando conhecimentos e aquisições, assegurando às crianças o direito ao acesso e a todo processo transformador que as levem à construção de conhecimento.

A escola e o educador não devem restringir e focar sua ação pedagógica somente no aluno. Devem também investir e proporcionar o acesso à literatura para a família, que exerce uma forte influência na vida e no desenvolvimento das crianças.

Para que a democratização aconteça e atinja o objetivo de favorecer e proporcionar a consciência de mundo e todo o desenvolvimento que leva à construção do leitor, deve-se oferecer às crianças um ambiente que seja favorável, que universalize o acesso ao livro e estimule a leitura, que conte com um acervo diversificado e que considere a faixa etária e os interesses do grupo e dos individuais, além de proporcionar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

No entanto, somente o investimento em livros e na organização do espaço não são suficientes para promover a socialização, despertar o interesse e cooperar no processo de construção de leitores. A formação do educador é fundamental, pois ele será uma ponte que ligará o aluno à Literatura. Cabe a ele elaborar projetos que contemplem a realidade do aluno, respeitando a especificidade da faixa etária, o interesse, o limite de cada um, apresentando novidades, promovendo acesso e exploração de diversificados materiais.

Precisamos de educadores comprometidos com a leitura, que acreditem e que exerçam seu papel de mediadores. Profissionais que estejam sintonizados com as transformações do momento presente e que reorganizem seu próprio conhecimento e/ou conhecimento do mundo, considerando-se um sujeito leitor que reconhece o valor e o prazer da literatura, um cidadão consciente de seus deveres e direitos e um profissional competente e comprometido com seu papel.

Concluo, com essa pesquisa, que para atingir o objetivo de formar nossas crianças em pequenos leitores, precisamos criar alianças, construir relações que envolvam as escolas, as famílias, as crianças e os educadores. Precisamos trabalhar juntos para superar os obstáculos que sempre aparecem.

No entanto, cabe a cada um de nós, profissionais da educação, fazermos a nossa parte e não desistirmos de promover mudanças, reconhecendo as crianças que hoje estão no nosso presente e que amanhã serão o futuro. É preciso reconhecer que somos responsáveis por proporcionar-lhes esse encontro com a leitura, fazendo com que essa relação se perpetue e transforme nossos pequenos em grandes leitores autônomos, críticos e que não percam o prazer em ler.

Aprendi muito nesses três anos de graduação. Aprendi a ser uma educadora atenta, criativa e cuidadosa; a ser uma profissional que aprende enquanto ensina; que aprende e se enriquece com a troca, com o outro; que sai em busca de respostas, mas também reinventa perguntas.

Assim, termino minha monografia deixando uma reflexão para os educadores. Todos precisam pensar e refletir sobre o que consideram importante e o que realmente é relevante para o desenvolvimento das crianças, tendo a consciência de que a prática e a teoria precisam caminhar juntas, para que o trabalho alcance seu objetivo. Não basta reconhecer a importância da leitura para as crianças, o que traz resultados são as ações que mediamos e proporcionamos aos nossos pequenos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera. "Ler é pra cima!". In: AGUIAR, Vera et al. *Catálogo da exposição comemorativa de 15 anos da Editora Projeto*. Porto Alegre: Projeto, 2011.

BALDI, Elizabeth. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta de leitores de literatura*. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BARROS, Laura Pozzana. *Leitura em Elos: o prazer em ler com as crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Instituto C&A: CIESPI, 2009.

CAMPOS, Maria Malta & ROSEMBERG, Fúlvia. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Madalena. *Educador*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RIO DE JANEIRO. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Rio de Janeiro: Câmara Municipal do Rio de Janeiro, [19--].